

Desafios docentes latino-americanos em meio à pandemia: um diálogo de lutas e resistências
Challenges of latin american teachers in the middle of pandemia: a dialogue of struggles and resistance
Retos de los profesores latinoamericanos en medio de la pandemia: un diálogo de luchas y resistencias

Phellipe Patrizi Moreira ¹
Mairce da Silva Araújo ²
Alessandra da Costa Abreu³

Resumo

O presente artigo tematiza parcerias tecidas entre docentes latino-americanos/as e tem como objetivo contribuir para aprofundar e ampliar compreensões sobre a educação em tempos pandêmicos na América Latina. Valendo-nos de uma perspectiva polifônica dialogamos com narrativas produzidas por professores/as durante o I Diálogo Internacional de Saberes e Aprendizagens, evento que aproximou docentes de nove países para conversarem sobre suas práticas. Os desafios impostos pelo isolamento social nos fizeram sentir a ausência dos afetos desencadeados pelos encontros presenciais, mas possibilitaram outras aproximações com intuito de pensar estratégias e práticas pedagógicas afinadas com esse período atípico da história. Acreditamos que os referenciais bakhtinianos nos ajudam a pensar esses movimentos pela dialogicidade da sua palavra e a postura ética e responsiva com que tais estudos nos convocam principalmente para o enfrentamento de políticas educativas identificadas com a lógica neoliberal. Nesse sentido, reiteramos com este estudo contribuir também para construir as bases de uma Pedagogia Emancipadora, em consonância com nossos pares latino-americanos.

Palavras-chave: Coletivo docente; Formação de professores; Diálogo Internacional; Pandemia.

Abstract

This article deals with partnerships made between Latin American teachers, and aims to contribute to deepen and broaden understandings about education in pandemic times in Latin America. Using a polyphonic perspective, we dialogue with narratives produced by teachers during the 1st International Dialogue on Knowledge and Learning, event that brought teachers from nine countries closer to talk about their practices. The challenges imposed by social isolation made us feel the absence of affection triggered by face-to-face meetings, but it made possible other approaches in order to think about strategies and pedagogical practices in tune with this atypical period of history. We believe that the Bakhtinian references help us to think about these movements due to the dialogicity of their words and the ethical and responsive stance that such studies call us to, especially, to confront educational policies, identified with Neoliberal Logic. In this sense, we reiterate with this study also to contribute to build the bases of an Emancipatory Pedagogy, in line with our Latin American peers.

Keywords: Collective of enseñanza; Teacher training; International dialogue; Pandemic.

Resumen

Este artículo trata sobre las alianzas hechas entre docentes latinoamericanos y tiene como objetivo contribuir a profundizar y ampliar los conocimientos sobre la educación en tiempos de pandemia en América Latina. Desde una perspectiva polifónica, dialogamos con las narrativas producidas por los docentes durante el I Diálogo Internacional sobre el Conocimiento y el Aprendizaje, evento que acercó a docentes de nueve países para hablar de sus prácticas. Los desafíos impuestos por el aislamiento social nos hicieron sentir la ausencia de afecto que desencadenan los encuentros presenciales, pero posibilitó otros enfoques para pensar estrategias y prácticas pedagógicas en sintonía con este período atípico de la historia. Creemos que las referencias baktinianas nos ayudan a pensar en estos movimientos por la dialogicidad de sus palabras y la postura ética y receptiva a la que nos llaman dichos estudios, especialmente, para enfrentar las políticas educativas, identificadas con la Lógica Neoliberal. En este sentido, reiteramos con este estudio contribuir también a construir las bases de una Pedagogía Emancipadora, en línea con nuestros pares latinoamericanos.

Palabras clave: Colectivo de enseñanza; Formación de profesores; Diálogo internacional; Pandemia.

Fecha de recepción: 21/03/2022
 Fecha de evaluación: 04/04/2022
 Fecha de evaluación: 13/02/2023
 Fecha de aceptación: 26/02/2023

Introdução

*Armas do povo! Aqui! A ameaça, o assédio
ainda derramam terra mesclada de morte,
áspera de agulhões!
Saúde, saúde,
saúde te dizem as mãos do mundo,
as escolas te dizem saúde, os velhos carpinteiros,
exército do povo te dizem saúde com as espigas,
o leite, as batatas, o limão e o loureiro,
tudo o que é da terra e da boca
do homem.
Tudo, como um colar
de mãos, como uma
cintura palpitante, numa obstinação de relâmpagos,
tudo se prepara e converge em ti!
Dia de ferro, azul fortificado.
(Terceira residência, Pablo Neruda)*

Pablo Neruda se consagrou como um dos maiores escritores latino-americanos do século XX. O engajamento político perante a opressão do homem pelo homem e das lutas emancipatórias na América Latina percorreram suas obras, em especial a *Terceira residência*, quando o autor traça um paralelo entre conflitos sociais comuns e o fardo colonial carregado pelas ex-colônias ibéricas. As interlocuções com as palavras de Pablo Neruda em meio ao cenário pandêmico em 2020/2021 nos convidam a refletir sobre o diálogo entre docentes latino-americanos que vivenciam o momento pandêmico em situação de vulnerabilidade e que buscam, pela contrapalavra, denunciar e aproximar discursos em meio ao caos nas estratégias de trabalho remoto e o sentimento de incertezas provocado pelas tantas mortes em virtude da covid-19. Para pensar o momento atual e as estratégias encontradas por docentes para se aproximarem de modo a fazer ecoar e ressoar outras vozes que agem na contramão do discurso das políticas neoliberais, principalmente no auge da pandemia, é que trazemos para esta discussão os “Encuentros Ibero-americanos de Colectivos”, em interlocução com os estudos de Bakhtin de modo a pensar novos modos de resistência.

A escrita deste artigo teve início no momento em que o número de óbitos no Brasil chegou a novo recorde, registrando 3.780 pessoas em 31 de março de 2021. Nesse sentido, é praticamente impossível não demonstrar o sentimento de indignação

frente ao cenário de necropolítica instaurado, bem como não pensar nos impactos da covid-19 no cenário brasileiro e nos demais países da América Latina.

Diante dos impactos, buscamos, em diálogo com docentes de nove países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru e Uruguai) refletir sobre o atual momento, quando a proposta de uma educação *online* emerge no período pandêmico, como resposta possível para dar prosseguimento ao processo educativo, gerando tensões entre o discurso oficial, de que “a educação não pode parar” e as condições reais para uma prática incluyente que, de fato, alcance toda a população que está na escola.

O presente artigo tematiza, assim, parcerias tecidas entre docentes latino-americanos/as como objetivo de aprofundar e ampliar compreensões sobre a educação em tempos pandêmicos na América Latina. Valendo-nos de uma perspectiva polifônica, dialogamos com narrativas produzidas por professores/as durante o I Diálogo Internacional de Saberes e Aprendizagens. Com o intuito de perceber a circulação de sentidos entre as falas dos/das docentes representantes de cada país e as escutas do público que acompanhava a transmissão, selecionamos algumas narrativas orais e outras publicadas no Facebook do projeto de diálogos entre redes e coletivos docentes latino-americanos⁴. Os referenciais de Bakhtin (2010; 2014), de Freire (1993; 1996; 2011; 2013), Neruda (2007), dentre outros, deram fundamentação às nossas reflexões.

Como professores/as-pesquisadores/as, observamos que o desafio da reflexão e da reinvenção nos coloca em alerta neste momento pandêmico, em que os problemas educacionais, políticos e sociais tornaram-se ainda mais evidentes. São questões a exigir de nós abordagens outras que, articulando bakhtinianamente ciência, arte e vida, acolham no campo poético formas de resistência para continuar na luta pela construção de uma pedagogia libertadora, como nos legou Freire em sua extensa obra.

Em diálogo com Liane Bertussi (2010), entendemos o poema escolhido para epígrafe deste artigo, “Ode solar ao exército do povo”, como um manifesto de Pablo Neruda contra as desigualdades sociais e a favor da luta pela emancipação na América Latina, valendo-se de metáforas para representar os elementos da natureza, bem como a forte vinculação com a terra.

O envolvimento político do poeta foi inspirado em personalidades como Luís Carlos Prestes, membro-criador da Coluna Prestes e dos mais emblemáticos representantes do comunismo no Brasil; Simon Bolívar, um dos líderes revolucionários que lutaram pela independência de países como Venezuela, Peru e Bolívia. Nesse mesmo livro, o autor dedica um de seus escritos ao libertador, intitulado “Um canto para Bolívar”.

A metonímia presente no poema a seguir versa sobre o ato de entrelaçar as mãos como forma de simbolizar as parcerias e de aglutinar forças para uma luta solidária

contra as mazelas da população:

*Por isso hoje é a ronda das mãos junto a ti,
com a minha mão tem outra e outra com ela,
e mais outra até o fundo continente escuro.
E outra mão que então tu também não conhecestes
virá também Bolívar, estreitar a tua,
de Teruel, de Madri e de Jamara e mais Elbro,
do cárcere, do ar, dos mortos da Espanha
Chega esta mão vermelha e que é filha tua.*
(Terceira residência, Pablo Neruda)

Na vida pública, Neruda assumiu o cargo de cônsul do Chile na Espanha entre os anos de 1934 e 1938, período em que o país ibérico foi acometido por uma Guerra Civil (1936-1939), em meio a um cenário de tensão na Europa com a ascensão de regimes totalitários. Na véspera da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ele firmou sua postura contrária ao ditador espanhol Francisco Franco. Tal posicionamento ocasionou a perda do posto diplomático e se viu obrigado a deixar Barcelona e regressar para a sua terra natal, em julho de 1936.

O escritor escreveu em verso e prosa o que vivenciou na sangrenta guerra civil espanhola e no golpe militar sofrido pelo presidente do Chile, Salvador Allende, no início da década de 1970. Tais episódios ganharam páginas em seu último livro da trilogia das residências e vieram acompanhados de temas como a Revolução Socialista Russa, os movimentos por igualdade racial nos Estados Unidos e de emancipação no Brasil, como discorreu Bertussi (2010, p. 114). Dessa forma, tornou-se vã, portanto, qualquer tentativa de compreender a sua produção literária sem análise aprofundada da conjuntura geopolítica tingida no papel, letra por letra, pelo poeta.

Trazer a história de Neruda para cotejar com o momento atual se faz relevante porque, em tempos em que forças conversadoras tentam, a qualquer custo, se perpetuar no poder, as ideias de Neruda podem ser incorporadas por nós, professores/as brasileiros/as, em nossos cotidianos como forma de resistência aos ataques neoliberais às políticas públicas de garantia a uma educação pública, laica e emancipadora. Somado a esses esforços, encontramos no patrono da educação, Paulo Freire, as diretrizes de que “ensinar exige apreensão da realidade” (Freire, 1996, p. 68). Uma leitura está imbricada na outra: “ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidas do aprender como ‘escrever’ o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo” (Freire & Macedo, 2013, p. 83).

Um engajamento social marcado por traços culturais latino-americanos, que emanam da obra de Neruda, é o que temos encontrado nas falas de docentes agrupados/as em redes e coletivos de professores/as de diversos países organizados numa perspectiva dialógica e de horizontalidade. Esse alinhamento ganha forma nos “Encuentros Ibero-americanos de Colectivos y Redes de maestros y maestras, educadores y educadoras que hacen investigación e innovación desde sua escola y comunidad”. Evento de caráter internacional iniciado no ano de 1992, na Espanha, transcende as reuniões que acontecem a cada três anos e ao todo já carrega na memória o registro de oito edições, tendo como uma das ideias centrais promover:

uma ruptura com as formas verticais de organização promovidas pelos governos neoliberais. O caminho é a abertura de espaços dialógicos nos quais se ouvem as vozes dos protagonistas de práticas pedagógicas inovadoras e investigativas que permitem a construção dos alicerces de uma pedagogia e de uma educação própria, de caráter decolonial, anti-hegemônico e emancipatório (Red Iberoamericana de mestros, 2020).

Dentro do espírito dos “Encuentros Ibero-americanos” e seus desdobramentos, fomos convidados/asa estreitar laços e firmar parcerias com outros/as companheiros/as latino-americanos/as interessados/as no florescimento de um coletivo docente intitulado Cómplices Pedagógicos para Colômbia e América Latina (Red CREA), encabeçado pelo professor e orientador pedagógico Gabriel Sánchez Albino, contando com o apoio da Universidade Nacional de Misiones (Argentina), da Universidade Pedagógica Nacional (Colômbia) e incluindo na parceria a Faculdade de Formação de Professores da UERJ (Brasil). A proposta consistia na criação de um canal de interlocução entre docentes de nove países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru e Uruguai) com o objetivo de trocar experiências e teorizar sobre nossas práticas pedagógicas.

Dando início ao I Diálogo Internacional de Saberes e Aprendizagens, os/as docentes se reuniram no dia 26 de junho de 2020 por meio da plataforma *online* Zoom para discutir a questão “Desafios e dificuldades dos/as professores/as latino-americanos/as em meio à pandemia”.

Nas reflexões que atravessaram as intervenções de cada país, pudemos perceber forte presença das ideias de Freire (1993; 1996; 2011a; 2011b; 2013), bem como o espírito de denúncia contra as desigualdades sociais e a luta pela emancipação social com a tonalidade regional/local de Neruda (2007). Na intensidade com que docentes colocaram suas contrapalavras ao discurso oficial – “a educação não pode parar” –, encontramos Bakhtin (2010; 2014; 2017), que nos ajudou a ler o movimento docente como uma luta por se fazer ouvir e formular seus próprios discursos, entendendo o discurso como uma arena de luta pela produção da vida social.

Que questões a pandemia tem nos mobilizado a pensar? O cenário político e os desafios enfrentados pelos/as professores/as brasileiros/as

É condição essencial escutar as vozes jamais escutadas... das mulheres, dos negros, dos índios, dos pobres, dos civis [...]; pertencemos a nações que nasceram mutiladas.

Eduardo Galeano (1987)

Com Eduardo Galeano (1987), outro escritor latino-americano que nos inspira, reconhecemos a necessidade de nos escutar uns/umas aos/às outros/as, num gesto de fortalecimento e trocas em meio ao cenário pandêmico que se instaurou não apenas no Brasil, mas no mundo, e atingiu de forma avassaladora principalmente os países mais pobres. O movimento desencadeado pelos/as professores/as latino-americanos/as, realizado de forma *online*, nos desafiou, desde o primeiro momento, a compreender que escutar é diferente e mais complexo do que simplesmente ouvir, pois compreender implica ir ao encontro do outro num movimento dialógico e alteritário, em que o outro é imprescindível para essa constituição.

Em uma coletiva de imprensa virtual realizada no dia 22 de maio de 2020, o diretor do Programa de Emergências da Organização Mundial da Saúde (OMS), Michael Ryan, afirmou: “vimos muitos países sul-americanos com número de casos aumentando, e claramente há preocupação em muitos desses países, mas certamente o mais afetado é o Brasil a esta altura”. O representante da instituição apontou a América Latina como o novo epicentro da pandemia do coronavírus. Tal surto tem assolado as rotinas de milhões de habitantes em todo o mundo, sobretudo no Brasil. O cenário atual, quase um ano depois, é ainda mais assustador. O Brasil lidera o número de óbitos diários no mundo. Para superar o número total de mortes contabilizadas no Brasil em março de 2021, era preciso somar todos os mortos por covid-19 na Rússia, Itália, França, Polônia, Ucrânia, Espanha, Alemanha e República Checa. Oito desses países fecham a lista dos 11 territórios onde há mais mortes por covid-19, e, juntos, somam 63.150 óbitos.⁵

Nesse cenário pandêmico do coronavírus, as escolas brasileiras, bem como as dos demais países latino-americanos, como se confirmou nos encontros do “Cómplices Pedagógicos”, se viram, desde março de 2020, frente à necessidade de fazer um ensino a distância. A modalidade *online* foi se colocando não como uma opção, mas como uma exigência, frente à circunstância instaurada. Instalava-se aí uma problemática de adaptação a um “novo normal”, no qual docentes e estudantes, apartados/as do convívio físico, foram desafiados/as a organizar uma nova rotina para aprender e ensinar no formato virtual. É importante ressaltar que, mesmo com o modelo de educação remoto adotado nos diferentes países em diálogo no evento, não tivemos relato de financiamentos públicos específicos para contemplar o acesso de docentes e estudantes. O financiamento parece ficado restrito à aquisição das

plataformas digitais nas quais seriam lançadas as propostas pedagógicas. Os relatos, em sua maioria, denunciavam as dificuldades de acesso de docentes, estudantes e suas famílias. Para Santos (2020), qualquer quarentena é discriminatória, trazendo mais dificuldades para uns/umas do que para outros/as, e docentes e estudantes dos países participantes do evento pertencem a esse grupo e vivenciam uma “vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela” (p. 15).

Trazer um panorama maior do contexto pandêmico e os sujeitos que estão inseridos nesse processo se faz necessário, porque compreendemos com Bakhtin/Volochinóv (2014) que não é possível analisar as partes sem levar em consideração o contexto em que estão inseridas, ou seja, os sujeitos e seus discursos. Todo ato de fala sempre está associado às estruturas sociais, o que permite compreender que, enquanto arena, a palavra confronta os valores sociais. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2014), Bakhtin e o Círculo defendem que os sentidos das vozes dos sujeitos dependem da situação histórica e social mais imediata e apontam as seguintes regras metodológicas:

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora desse sistema, a não ser como objeto físico).
3. Não dissociar a comunicação e suas normas de sua base material (infraestrutura) (BAKHTIN Bakhtin & Volochinóv, 2014, p. 54).

Com isso, os autores nos mostram que o signo, ou seja, os discursos dos sujeitos, são arenas onde se desenvolvem a luta de classes. “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata [...]; na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir” (p. 47). A interlocução entre professores/as e estudantes favoreceu atos potentes de luta, apesar de tantos problemas enfrentados por conta da pandemia da covid-19. O isolamento físico, aliado aos recursos tecnológicos, permitiu construir essa aproximação com professores/as de outros países. Se, em muitos momentos na história do magistério, os dilemas dos/as professores/as priorizavam conversas no âmbito pedagógico-prático, mesmo sem negar a “natureza política do processo educativo” (Freire, 2011a, p. 34), no contexto atual se intensificaram as preocupações políticas e sociais, porque concordamos que “não é possível pensar a educação sem que se pense a questão do poder” (p. 35). A união proporcionada pelo sofrimento em comum, com a morte de um número elevado de pessoas por conta de um vírus e ainda ter que lidar com um novo formato de trabalho, exacerbou muitas experiências em comum.

Desde março de 2020, período em que a pandemia atravessou o mundo, conversas virtuais têm entrelaçado os/as docentes, favorecendo um posicionamento político.

A potência do movimento “Cómplices Pedagógicos”, ao favorecer o encontro e a interlocução entre professores/as de diferentes culturas, vem representando a possibilidade de uma cooperação entre os povos, no sentido colocado por Krenak (2019): “se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, para salvar a nós mesmos” (p. 44).

Nesse sentido, encontros como esses, nos quais os/as docentes possam escutar e conversar uns/umas com os/as outros/as, compreendendo que o dizer, o argumentar e o questionar remetem a pensar nas lutas sociais e ideológicas cotidianas, se configuram como férteis espaços-tempos de formação. Ouvindo e conversando com outros/as professores/as, seus pares na escola e na profissão docente, é possível encontrar ecos e ressonâncias, produzir contrapalavras para um posicionamento político frente ao discurso oficial e ao contexto vivido no mundo. Entender a enunciação, no sentido bakhtiniano, significa:

orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos compreender uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão [...]. A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra (Bakhtin, 2010, pp. 131-132).

Para esse pesquisador, a significação não está na alma do falante ou de seu interlocutor; ela é efeito dessa interação, produzida através de um material complexo e sonoro. Os movimentos de trocas e de escuta dos posicionamentos de outros/as professores/as sobre os acontecimentos pandêmicos e a política de educação *online* se constituem como um ato responsável. Com base na arquitetura de Bakhtin, entendemos que a contrapalavra dos/as professores/as é uma resposta que traduz a nossa posição política e a nossa interação com o outro.

I Diálogo Internacional de Saberes e Aprendizagens: um encontro, muitas palavras, várias parcerias

O primeiro encontro do “Cómplices Pedagógicos para Colômbia e América Latina”, Red CREA, organizado pelo docente Gabriel Sánchez Albino, teve como tema Desafios e dificuldades de professores/as latino-americanos/as no meio da pandemia;

aconteceu no dia 26 de junho de 2020, na modalidade *online* via plataforma Zoom, com duração de três horas.

O convite para a parceria veio em formato de uma carta com diretrizes que buscavam construir uma identidade cúmplice entre os vinte e cinco professores/as de nove países-membros da América Latina.

Uma primeira questão que se colocava era a definição do que é ser cúmplice pedagógico. Dentre as múltiplas respostas colocadas no grupo, podemos sintetizar que ser cúmplice pedagógico, na definição de grande parte dos/as docentes, significa ter o interesse de compartilhar ensinamentos e aprendizagens em torno do coletivo, sem outras intenções que não a ressignificação do trabalho docente em todas as suas nuances. Descartava-se, assim, qualquer intencionalidade articulada a questões de certificação ou ascensão acadêmica; buscava-se uma cumplicidade identificada com o que Freire (1985) defende como caráter político da educação: o trabalho coletivo que reeduca todos os sujeitos e atores envolvidos, quando afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo” (p. 71).

De acordo com a metodologia proposta pelo coletivo, o diálogo virtual deveria versar sobre as experiências pedagógicas com base no olhar para os seus contextos políticos e as vozes dos/as educadores/as. A conversa internacional entre os/as docentes se apresentou, em meio ao cenário pandêmico, como um espaço de troca de conhecimentos em torno dos desafios e dificuldades dos/as educadores/as latino-americanos/as a partir das diferentes realidades locais.

Desde os primeiros encontros, não se pouparam críticas ao modelo educativo neoliberal. As palavras do professor colombiano Néstor Ramírez reafirmaram que as problemáticas denunciadas pelos/as participantes dos diferentes países possuíam uma base em comum: a imposição de um modelo neoliberal econômico com suas repercussões políticas, ideológicas, sociais, culturais nas diferentes realidades latino-americanas:

Situación que, como ya se ha dicho, ha quedado al desnudo y se ha agudizado aún más. ¿Qué hacer? Como ciudadanos, se debe participar políticamente em la elección de los gobernantes, impidiendo democráticamente el acceso al poder de la vieja clase dirigente, neoliberal y corrupta; y apoyando decididamente y con entusiasmo a los sectores políticos progresistas y alternativos; enemigos del neoliberalismo, la corrupción y amigos de la paz y la democracia (Nestor Rodríguez, apresentação oral).

Ramírez seguiu afirmando que a construção coletiva entre pares internacionais unidos por uma educação dialógica e que busque a redução das desigualdades sociais nos traz possibilidades de frear esse avanço conservador. O Chile, nas vozes de Daniel Rodríguez e Jorge Rivas, continuou no mesmo teor da fala colombiana e apontou

que a valorização do individualismo, em detrimento do sentido de comunidade, incentivado pelo sistema neoliberal, não contribui para o fortalecimento dos laços afetivos, tão basilares em momentos como este, de isolamento social. Manter tais vínculos fraternos entre estudantes e docentes fortalece a luta pela humanização do mundo, que se funda na vocação ontológica dos homens em ser mais, como ensina Freire (1985), ou seja, na capacidade histórica de romper os processos de opressão que afligem milhões de pessoas.

Outras ponderações trazidas pela delegação brasileira ao encontro apontavam:

Qual o potencial dessa crise para ajudar a barrar o projeto neoliberal tão discutido por nós? Múltiplos caminhos se colocam a partir de questões como essa: a prática do ensino remoto nos anos iniciais vai nos conduzir para o home office, como tantos defendem? A privatização da educação, desde a Educação Infantil à Universidade, será finalmente, o projeto vitorioso? Ou essa crise vai nos dar força para construirmos, de fato, a Pedagogia Emancipadora que nos foi ensinada por Freire e tantos/as outros/as educadores/as e pensadores/as latino-americanos/as? (Autor, apresentação oral).

Os questionamentos e as reflexões representadas pelas vozes docentes colombianas, chilenas e brasileiras apostavam que “ensinar exige intervenção no mundo” (Freire, 1996, p. 98) e alimentavam a tradição dos movimentos instituintes de coletivos e redes docentes, a que a iniciativa da Red CREA, a partir do “Cómplices Pedagógicos da Colômbia e América Latina” se filia. Há, pelo menos, quatro décadas, o Movimento Pedagógico da Colômbia criou as Expedições Pedagógicas, que se expandiram por toda a América Latina, estimando-se hoje que cerca de 290 organizações educativas já tenham participado de tais expedições nos diferentes âmbitos: local, regional, nacional e internacional. Construindo uma postura crítica diante dos projetos e de políticas educativas, afinados com a lógica neoliberal, esses coletivos vêm se esforçando para construir as bases de uma Pedagogia Emancipadora e contra-hegemônica que recupere a cosmovisão dos povos originários.

Condicionar a ideia de progresso tecnológico ao progresso social, acima de qualquer interesse econômico, reflexão trazida pela/os docentes mexicanas/os Esperanza Peña, Miguel Pérez e Santiago Moreno, nos remetia às preocupações de Pablo Neruda, em *Terceira Residência*, ao denunciar o consumo exacerbado como forma de opressão e exploração e reafirmar a necessidade de construção de novas relações homem-natureza:

Si bien es necesario marchar en dirección del progreso tecnológico, se requiere que ocurra con propósitos de progreso social con una tendencia hacia la emancipación que se sobrepongan a los intereses mercantiles de cualquier género. En ese sentido es imprescindible dotar a todas las escuelas, docentes y alumnos, con equipos y conectividad; asimismo, atender la formación docente El Movimiento Pedagógico Alternativo busca fortalecer

la comunicación efectiva entre los docentes de Latinoamérica. Cómplices Pedagógicos trabaja arduamente para establecer dicha comunicación em búsqueda de las mejores alternativas pues, consideramos que si bien es importante resaltar y proponer políticas públicas que nos permitan cerrar dicha brecha tecnológica, es más importante resaltar que los docentes participantes em esta complicidad, estemos trabajando para encontrar las mejores estrategias de atención a nuestros alumnos em desventaja social, sobre todo a las comunidades rurales, toda vez que son ellas las que nos permitirán llevar el ritmo de trabajo necesario, generando propuestas de una nueva normalidad (2020, apresentação oral).

Tomando a palavra, a delegação mexicana convocou Paulo Freire para o diálogo trazendo a reflexão sobre a amorosidade, enfatizando a questão das dificuldades das comunidades rurais. Embora não tenha vivenciado momentos como este de pandemia, Freire, por seus ensinamentos, se revela atual quando nos diz que “onde quer que estejam esses oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas esse compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (Freire, 2011b, p.111). Os/as estudantes de comunidades rurais, seja no México, seja no Brasil, são os/as que mais têm sofrido as consequências da falta de conexão à internet e da ausência de ferramentas tecnológicas eficazes para a comunicação entre os/as envolvidos/as no processo educativo. Entendemos as carências que se aprofundam no campo e nas zonas mais empobrecidas da cidade como heranças da colonialidade do poder, do ser e do saber na América Latina (Quijano, 2000), uma vez que os grupos mais vulneráveis são aqueles que foram historicamente subalternizados sob o crivo dos traços étnico-raciais dos povos, impondo uma classificação hierárquica que opera nas diferentes esferas sociais, econômicas e culturais da sociedade latino-americana. Nesse sentido, o caminho da atitude transformadora também passa por práticas humanizadoras galgadas de políticas públicas e programas de inclusão tecnológica para todos/as os/as estudantes, de forma a não alargar a disparidade entre os grupos sociais.

Outro sentimento comum que atravessava as reflexões de várias delegações foi um clima de desânimo e preocupação instaurado a partir do momento em que houve a suspensão das aulas presenciais, seja por precauções sanitárias, seja em função dos desafios de repensar o modelo até então vigente de educação, aquele em que acreditávamos de fato: a educação pela comunicação, partilha e afeto. Se “ensinar exige liberdade e autoridade”, como ensina Freire (1996, p. 78), a evidência da desigualdade social, que foi reafirmada nestes tempos de pandemia, na realidade de todos os países cúmplices, colocou em xeque a proposta de educação *online* como uma nova normalidade, como a grande resposta para garantir uma educação de qualidade para toda a população, reconhecendo nesse modelo uma tentativa de assumir uma lógica reprodutivista⁴ que vai na contramão de uma pedagogia

emancipadora e crítica.

Retomando nosso diálogo com Neruda, entendemos que o poeta tem muito a contribuir com movimentos instituintes como o “Cómplices Pedagógicos”. Desejando saúde para todos/as baseado numa alimentação composta pelos frutos germinados pela terra, o poeta chama a atenção para a responsabilidade da educação nesse processo: as escolas te dizem saúde⁶. No período pandêmico, ter saúde e tomar os cuidados necessários para não se contaminar implica, além da garantia dos direitos, que deveria atender a toda a população, de uma boa alimentação, de condições sanitárias, dentre outras, implica igualmente o combate à desinformação. Ter acesso aos protocolos da ciência, lutar contra a disseminação de discursos de ódio, contra o anti-intelectualismo, a anti-ciência, e até mesmo anti-Paulo Freire, foram bandeiras comuns que circularam nas falas dos/as docentes em diálogo. As munições das armas do povo estiveram alinhadas a uma Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996), reivindicando políticas públicas afirmativas e de inclusão contra as desigualdades sociais e contra toda forma de discriminação e opressão. A vontade do poeta de formar um “colar de mãos” nunca esteve tão presente.

Os comentários no Facebook⁷: múltiplas vozes num movimento dialógico e alteritário que refrataram muitos sentidos

O evento de junho/2020, que reuniu docentes representantes dos nove países participantes na plataforma do Facebook com o objetivo de responder a questões: “Como tem sido a experiência dos/as educadores/as participantes nas chamadas salas de aula virtuais?” e “Como você se sente enquanto docente latino-americano/a nesses momentos?”, produziu reverberações tais que, em março de 2021, oito meses depois, a mesma página contava com 1.241 comentários e, 4,1 mil visualizações, instigando a compreender esses discursos frente ao contexto social e político, em busca de construir uma pedagogia emancipadora

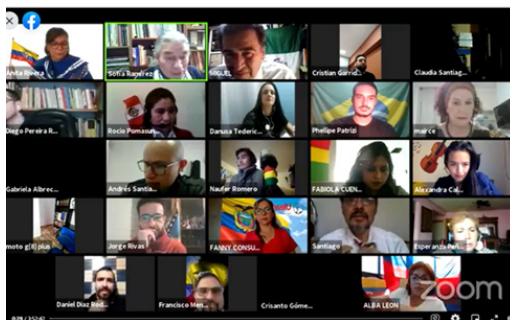


Figura 1. Print da reunião no Facebook do evento: Retos y Desafios de los Maestros en Médio de la Pandemia, pertencente a red de coletivos “Cómplices Pedagógicos”.

Para pensar essas narrativas, buscamos interlocução nos estudos de Bakhtin e seu círculo, entendendo que o diálogo e a ação coletiva são formas de romper com o projeto neoliberal que se revela ainda mais devastador para os países mais pobres. Pensar as Ciências Humanas com Bakhtin é corroborar que as Ciências Humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não uma coisa muda ou um fenômeno natural, e que é o homem em sua especificidade humana que sempre exprime a si mesmo, isto é, cria novos textos. Com os estudos bakhtinianos e do seu círculo, entendemos que esses textos estão na vida, seja no discurso oral, no texto escrito e no posicionamento perante o mundo; com o objetivo de pensar um pouco esses textos é que trazemos para este diálogo os comentários de professores e estudantes participantes do evento “Cúmplices Pedagógicos”. Posicionar-se frente aos acontecimentos do mundo e proclamar a sua palavra é fazer ressoar novos sentidos e assim reinventara vida, como diz a participante Sherazada:

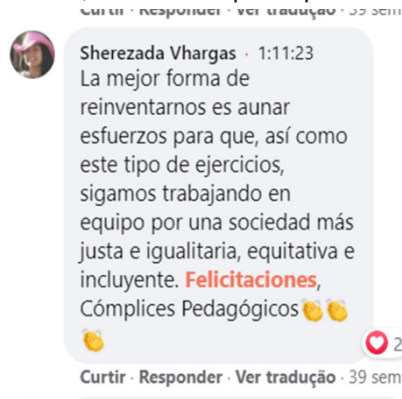


Figura 2. Print do comentário no Facebook do “Cúmplices Pedagógicos”.

O *print* acima faz parte dos comentários publicados na página do Facebook durante o evento e traduz o quanto esse movimento de união entre os povos foi e continua sendo muito importante não apenas para os/as docentes envolvidos/as, mas como movimento de luta por uma sociedade menos desigual. É no diálogo único, proclamado na narrativa de cada docente, que percebemos o quanto a história de um/a dialoga com a história de muitos/as outros/as docentes não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina – e esses movimentos nos aproximam e nos fortalecem. Para Bakhtin (2010), é “apenas de dentro da minha participação que a função de cada participante pode ser compreendida” (p. 72); participar coletivamente permite ao sujeito compreender o lugar do outro e assim pensar sobre si mesmo. É no diálogo com o outro que tomamos consciência da vida e das relações com o mundo e com os outros sujeitos: “a única forma adequada de expressão verbal da

autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo” (p.348). E é esse diálogo inconcluso com o outro que permite ao homem/mulher aplicar-se e replicar-se totalmente na palavra, como tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal, e que pode contribuir para a libertação das relações autoritárias de um projeto neoliberal que vem tentando calar a todos/as, principalmente aos/às docentes.

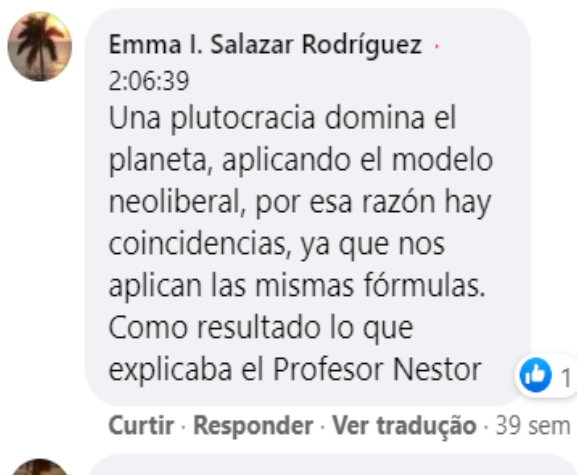


Figura 3. Print dos comentários no Facebook “Cómplices Pedagógicos”.

Na postagem acima, a professora Rodriguez denuncia que a forma de governo que vem dominando o planeta é a plutocracia, dando aos mais ricos o poder das decisões do mundo e todos os privilégios, e que a democracia vem sendo massacrada. Com Bakhtin, compreendemos o movimento polifônico que cada texto pode nos apresentar, entre outras leituras possíveis, e o quanto o discurso de um/a professor/ apode contribuir para fortalecer outros/as professores/as frente a esse cenário de horror que tenta calar outras vozes e *monologizar* a palavra em um único discurso neoliberal. Entendemos em diálogo com os estudos bakhtinianos, que precisamos nos colocar à escuta do texto da vida, porque é no caminhar com os outros que a palavra vai ganhando força e assumindo o seu posicionamento ético frente ao mundo.

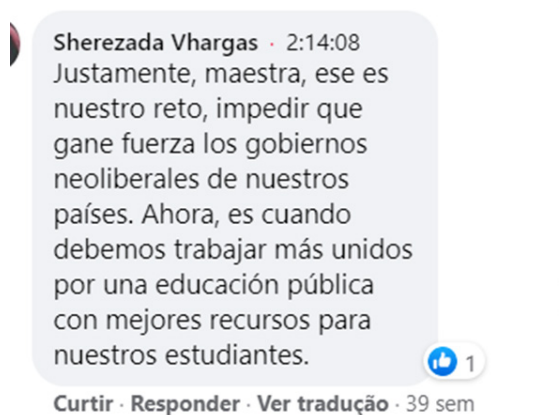


Figura 4. Print dos comentários no Facebook do “Cómplices Pedagógicos”.

As palavras da participante Sherazada Vhargas nos comentários do evento *online* nos permitem refletir que este é o nosso maior desafio: “impedir que gane fureza los gobiernos neoliberales”, e para isso “debemos trabajar más unidos por una educación pública con mejores recursos para nuestros estudiantes”. Além da preocupação com as políticas autoritárias instauradas que dão pouca voz aos/as professores/as, outra preocupação que esteve presente nesses encontros foi com os/as estudantes. Para a professora Socorro De la Guerra,

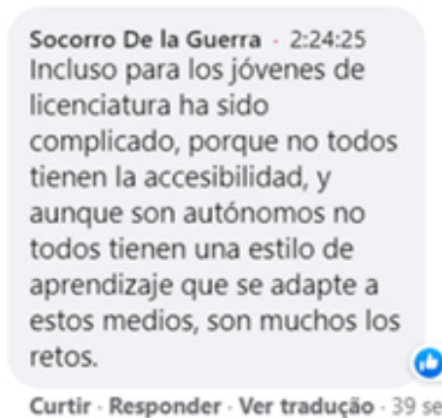


Figura 5. Print dos comentários no Facebook do “Cómplices Pedagógicos”.

Essa preocupação se volta, sobretudo, para os/as jovens que não têm acesso às tecnologias digitais e à internet e que precisavam participar das aulas e se viam impossibilitados de estudar. Para Bakhtin (2017), o dever é um ato meu inclusive

o pensamento e o sentimento, e posicionar-se eticamente perante as situações de exclusão que vimos presenciando no Brasil e nos países latino-americanos, que se agravaram durante a pandemia da covid-19, é um movimento responsivo frente ao outro e a mim mesmo. A preocupação com os/as estudantes foi um discurso que atravessou todo o encontro.

Como professores/as, entendemos que movimentos como esses de proclamar a palavra em defesa dos/das estudantes, sejam eles/as crianças, jovens ou adultos, faz parte de nossas lutas cotidianas. Para o/a professor/a, preocupar-se com o/a aluno/a é preocupar-se consigo. Muito antes de essa pandemia acontecer, muitos/as docentes já reivindicavam o acesso digital de forma democrática para os/as estudantes. Estudos de Nelson Pretto (1998), há duas décadas, vêm apontando para a necessidade de uma legislação forte que garanta o acesso digital a toda a população que não tem poder aquisitivo para ingressar no mundo da comunicação *online*. No Brasil, em julho de 1997, foi aprovada a Lei nº 9.472, que ficou conhecida como a Lei Geral de Telecomunicações (LGT), que instituiu um fundo para a universalização de serviços. No entanto, apesar de aprovada a lei, a existência desse fundo ainda é uma utopia distante, mas, se fosse regulamentado, serviria para viabilizar o acesso de estudantes das classes populares ao conteúdo digital em tempos de crises de saúde pública, como a que o país vem enfrentando no contexto atual. Para Pretto (1998), “não precisamos de internet nas escolas, mas sim de escolas na internet. Parece uma diferença pequena, mas não é! É uma diferença básica de concepção. Fortalecer as culturas locais e disponibilizá-las na rede mundial é fortalecer o cidadão” (p. 1). Nesse mesmo viés de pensamento, Hector Inza reivindica:

Héctor Inza · 3:36:18
No mercantilizar la educación repicando discursos basados en competencias. Nuestra relación es con el saber. Saludos! Que la pandemia no nos lleve a una vacuna anti saberes... no normalicemos actividades y procesos anormales de este tiempo

Curtir · Responder · Ver tradução · 39 se

Figura 6. Print dos comentários no Facebook do “Cómplices Pedagógicos”.

“Que a pandemia não nos leve a uma vacina antissaberes” – a crítica de Hector a um currículo baseado em competências e não na construção de saberes aproxima

nossas lutas latino-americanas por uma educação libertadora, uma vez que o projeto defendido pela nova Base Nacional Comum Curricular – BNCC-, proposta pelo Ministério da Educação, também se estrutura com base nas habilidades e competências e subalterniza as preocupações com a produção de um conhecimento que valorize a vida, a saúde da população e o bem-estar de alunos/as e professores/as. Por esse motivo, encerramos este artigo trazendo para este diálogo as palavras de Doris Sol, porque concordamos que os encontros trouxeram a “oportunidade de repensarmos, como docentes, uma docência criativa e uma escola contextualizada”.



Figura 7. Print dos comentários no Facebook do “Cómplices Pedagógicos”.

Algumas considerações finais

Vamos, poema de amor, levanta-te do meio de vidros partidos, porque chegou a hora de cantar. Ajuda-me, poema de amor, a restabelecer a integridade, a cantar sobre a dor. É verdade que o mundo não se limpa de guerras, não se lava de sangue, não se corrige do ódio. É verdade. Mas é igualmente verdade que nos abeiramos de uma evidência: os violentos refletem-se no espelho do mundo e o seu rosto não é belo, nem para eles mesmos. Continuo a crer

*na possibilidade do amor. Tenho a certeza
do entendimento entre os seres humanos,
conseguido sobre as dores, sobre o sangue
e sobre os vidros partidos.*

(Pablo Neruda)

Aprendemos como poeta que o “mundo não se limpa de guerras, não se lava de sangue, não se corrige do ódio”, mas que precisamos acreditar na possibilidade do amor, no entendimento entre humanos e assim continuar lutando por dias melhores e por um mundo melhor. Para Freire (1996), “. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, nosso papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências” (Freire, 1996, pp. 76-77).

O “Cómplices Pedagógicos”, a partir do I Diálogo Internacional de Saberes e Aprendizagens, vem permitindo aos/às docentes envolvidos/as pensar que “não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações” (Krenak, 2019, p. 16), mas juntos/as podemos refletir e refratar novos olhares para o momento pandêmico. Os sentidos que foram construídos por docentes em diálogo com as relações estabelecidas não apenas nos encontros das redes e coletivos docentes, mas também nos diferentes diálogos que produzimos uns/umas com os/as outros/as, com o cotidiano em que cada um/a está inserido/a e com os acontecimentos do mundo, se traduzem em cada enunciado proclamado, levando-nos a constatar que a compreensão está na vida e que o silêncio é imposto pelo poder. Em conversa com os/as docentes e com suas experiências em tempos de pandemia, percebemos, com a ajuda de Freire (1996), que “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele/ela, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele/ela” (pp. 127-128).

Portanto, os encontros com os/as professores/as dos nove países participantes contribuem para pensar que a situação política vivida por cada um/a de nós, independente do país em que residimos, precisa ser denunciada, entendendo que não é possível pensar na educação sem um posicionamento político e ético. Assim, esses espaços de diálogo atuam como espaços-tempos de resistência, mas também de resiliência, não apenas para os/as envolvidos/as, mas para todos/as que tiveram e ainda terão acesso às discussões que resultaram desse movimento de interlocução, contribuindo para novos ecos.

Notas

¹ Institución Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro <https://orcid.org/0000-0003-2547-7764> Mestre do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGedu) em Processos de Formação e Desigualdades Sociais (FFP / UERJ),

integrante do Grupo de Pesquisa em Alfabetização, Memórias, Formação Docente e Relações Étnicas (ALMEFRE) vinculado à Vozes da Educação: Memória: : (s), História (s) e Formação de Professores / as, também participa do Observatório de Carnaval do Museu Nacional da UFRJ, vinculando-se ao Laboratório de Estudos do Discurso, à Imagem e Som (LABEDIS) e a um Laboratório de Arte Carnaval (LAC) vinculada ao Instituto de Artes da UERJ. Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras pelo IFRJ / SG (2019). Possui Graduação Plena em História pela FFP / UERJ (2018). Atualmente é Professor Professor de História, Filosofia e Projeto de Vida do Colégio Auxiliadora e Professor Professor de História, Cidadania e Diversidade Religiosa, História, Geografia, Turismo e Meio Ambiente da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Secretaria Municipal de Magé na Secretaria Municipal de Magé. Áreas de interesse: História Pública, Educação Histórica, Escolas de Samba, Culturas Afro-Brasileiras e Africanas

² Institución Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores <https://orcid.org/0000-0003-1434-7796> Professorar Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-doutorado no Instituto Politécnico de Leiria, Portugal e na Faculdade de Educação - Unicamp. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003) Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1994) Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Barra do Piraí (1982), Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Proscientista, professora do Mestrado e do Doutorado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais, Líder do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: memórias, histórias e formação docente. Coordenadora da Pesquisa sobre Alfabetização, memória e formação de professores e relações étnicorraciais (ALMEFRE). Coordenadora do grupo de pesquisa Rede de professores que estudam e narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (REDEALE) Pesquisadora do Grupo de Alfabetização de classes populares, da Universidade Federal Fluminense. Interesse-me pelos seguintes temas: cotidiano escolar, formação de professores, memória e história, alfabetização e relações étnico-raciais. A pesquisadora é mãe de dois homens, Rodrigo e Rafael, e também é integrante da Ala das Baianas da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, desde 2014.

³ Institución Universidade do Estado do Rio de Janeiro <https://orcid.org/0000-0002-1266-1354>

Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil). Conselho Educacional da Rede Municipal de Ensino de São Gonçalo, RJ. Professor por dois anos de Iniciação ao Ensino Fundamental da Fundação Municipal de Educação (FME) em Niterói, RJ, Brasil.

⁴ Os encontros aconteceram de março a dezembro de 2020, às sextas-feiras, com três horas de duração, em 18 encontros virtuais, envolvendo a participação ativa de mais de 50 professores/as da região e um público que ultrapassou 500 visitas em cada ciclo. A cada sexta-feira, apresentaram-se as delegações de dois países, em uma dinâmica que envolvia uma breve apresentação imagética do país, a discussão sobre a temática proposta e encerrava-se com um destaque ou uma atividade representante da cultura local.

⁵ Galzo, Wesley. (2021, 30 março). Brasil lidera número de mortes diárias por Covid-19 no mundo em março. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/30/brasil-e-o-pais->

que-mais-registra-mortes-diarias-por-covid-19-em-marco

⁶ Importante dizer que essa preocupação não significa uma defesa pela abertura das escolas durante a pandemia, mas sim com a legitimação de modelos de educação inspirados em redes de perspectiva neoliberais, como homeschooling, que a educação remota poderia contribuir para naturalizar.

⁷ Cutbogota Cundinamarca. (2020, 26 junho). *Retos y desafíos de los maestros en medio de la pandemia*. Facebook. <https://www.facebook.com/cutbogotacundinamarca/videos/611379559486347>.

Referências

- Albino Gabriel Sánchez. (2020, 23 junho). *Carta de bienvenida para el diálogo*. Destinatário: Delegação brasileira.
- Bakhtin, M. (2010). *Estética da criação verbal*. (5. ed). WMF Martins Fontes.
- Bakhtin, M. & Volochinov, V. (2014). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (6 ed). Hucitec.
- Bakhtin, M. (2017). *Para uma filosofia do ato responsável*. Pedro & João.
- Bertussi, L. T. A poesia de Pablo Neruda: vanguarda, modernismo e regionalidade. *Antares*, n. 3, p. 113-128, jan./jun., 2010.
- Freire, P. (1993). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. (25. ed). Paz e Terra.
- Freire, P. (2011a). *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. (51. Ed.) Cortez.
- Freire, P. (2011 b) *Educação e mudança*. (92. ed. rev. e atual.) Paz e Terra.
- Freire, P. & Macedo, D. (2013). *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. (Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 6. Ed.). Paz e Terra.
- Galeano, E. (1987). *Veias continuam abertas na América Latina*. Entrevista concedida a Mario Augusto Jakobskind. www.outerspace.com.br.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Red iberoamericana demaestros. (2020). *Quem somos*. <http://rediberoamericanademaestros.com/>
- Neruda, P. (2007). *Terceira residência*. (Trad. José Eduardo Degrazia). L&PM.
- Pretto, N. (1998, 11 maio). Tecnologia e Educação. *Gazeta Mercantil*, <https://egroupware.ufba.br/~pretto/textos/gazemai.htm>.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems Research*, 11, (2) 342-388.
- Santos, B. de Sousa. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Almedina.